

## A CRÍTICA LITERÁRIA E A TRADUÇÃO\*

ENEIDA MARIA DE SOUZA\*\*

### RESUMO

Este ensaio tem como objetivo estabelecer a relação entre a prática da tradução e os conceitos de intertextualidade e antropofagia; aponta, ainda, a contribuição da psicanálise para uma teoria da tradução.

### RÉSUMÉ

Cet essai a pour objet d'établir le rapport entre la pratique de la traduction et les concepts d'intertextualité et d'anthropophagie; il montre, encore, la contribution de la psychanalyse pour une théorie de la traduction.

\* Comunicação apresentada na Mesa-redonda sobre "Tradução", no "1º Simpósio de Literatura Comparada". Belo Horizonte, 18 a 22 de nov. de 1985; e no "1º Seminário Latino-Americano de Literatura Comparada". Porto Alegre, 8 a 10 de set. de 1986.

\*\* Professora de Teoria de Literatura da FALE/UFMG.

Ao reformular constantemente sua metalinguagem, o estudioso da literatura reconhece que, na maioria das vezes, a nova terminologia vem substituir aquela já existente. A mudança de terminologia não é fruto de modismos e nem tampouco atende a interesses de grupo, revelando, ao contrário, a tendência natural de toda teoria em rever seus próprios conceitos operatórios. A crítica literária vem recebendo, no decorrer de sua história, nova roupagem para velhos conceitos e a renovação resulta sempre em ganho teórico.

O termo tradução, que há muito vem-se infiltrando no campo da teoria da literatura, é um dos conceitos que sofre transformações ao longo do tempo. A utilização do termo se refere não apenas à prática usual da tradução, ou seja, à transformação "interlingual" de um texto em outro, mas do processo de leitura e reescrita de outro texto, processo este que se aproxima do sentido amplo do termo intertextualidade. Um grande número de estudiosos confirma a estreita aliança entre a operação tradutora e a apropriação textual, operação que recai ora na paráfrase, no plágio ou na paródia. Haroldo de Campos<sup>1</sup> ressalta, no "Post-Scriptum" à sua tradução do Fausto de Goethe que: "a tradução é também uma persona através da qual fala a tradição. Nesse sentido, como a paródia, ela é também um 'canto paralelo', um diálogo não apenas com a voz do original, mas com outras vozes textuais"<sup>2</sup>.

A tradução, nestes termos, é uma atividade criativa, em que a liberdade do tradutor instaura um intercâmbio amoroso entre os textos, ao mesmo tempo que a fidelidade ao original conta menos do que sua transgressão. A paródia, considerada na sua etimologia ("canto paralelo") e na sua acepção mais abrangente, se aproxima da prática tradutória, principalmente quanto à possível liberdade do tradutor de se nutrir de outros textos (além do original) livrando-se, conseqüentemente, da prisão à fórmula única e redutora.

Costuma-se estabelecer ainda a aproximação entre tradução e antropofagia, decorrente da associação com a intertextualidade, ao se retomar o projeto artístico oswaldiano e recolocar a problemática de nossa literatura (da América Latina e do terceiro mundo em geral) enquanto "tradutora" da cultura do Outro. A necessidade de incorporar a produção artística dentro de um movimento universal implica a conscientização de nossa dívida para com as culturas dominantes e a "devoração" de todo lega

do cultural. A prática antropofágica, largamente defendida pelos escritores do Modernismo, continua a render frutos e a fornecer lições, principalmente para os estudos específicos de Literatura Comparada e de tradução crítica<sup>3</sup>.

Augusto de Campos em Verso, reverso, controverso<sup>4</sup>, reúne tradução e prática antropofágica, ao teorizar sobre o caráter impessoal e fingido da tradução, uma forma de usurpação positiva do texto alheio:

"A minha maneira de amá-los é traduzi-los. Ou degluti-los, segundo a Lei Antropofágica de Oswald de Andrade: só me interessa o que não é meu. Tradução para mim é persona. Quase heterônimo. Entrar dentro da pele do fingidor para rafingir tudo de novo, dor por dor, som por som, cor por cor. Por isso nunca me propus traduzir tudo. Só aquilo que sinto. Só aquilo que minto. Ou que minto que sinto, como diria, ainda uma vez, Pessoa em sua própria persona."<sup>5</sup>

Com base nessas reflexões podem-se detectar alguns tópicos relativos à prática tradutora, quer no sentido de se conceber uma tradução criativa, que conta com a participação livre e pessoal do tradutor, quer do uso dessa prática enquanto leitura/crítica do texto. Não se deve ignorar a contribuição que todo tradutor, direta ou indiretamente nos fornece, especificamente no que se refere à teorização de sua empresa e ao desnudamento de seus procedimentos operacionais. Percebe-se, no trecho acima, a ausência do sentimento de propriedade do tradutor frente aos textos com os quais trabalha, uma vez que o contato com o novo, o desconhecido e o alheio acentua o sentimento de desposseção de si próprio: persona. O "sujeito" se dilui no espaço intermediário dessa enunciação terceira, assumindo a persona da quem escreva e de quem lê, asquecendo-se de seu nome próprio a vivendo a aventura múltipla (e fingida) da escrita e da tradução. O exílio no texto e o reencontro com o outro correspondem ao axilar-se na sua própria língua, comprometendo-se com a outra, tão distante a "mantirrosa" quanto a sua. A migração de uma língua em outra (de um texto em outro), permite ao tradutor a experiência com sua língua, num procaço da aprendizagem e reconhecimento, deixando de lado a ilusão de ser seu proprietário. Ressalta, pois, o que há de mais estranho na sua língua, para que a contaminação da língua "estrangeira" seja perfeita, atualizando-se, dessa forma, a premissa davoradora: "só me interessa

sa o que não é meu". A tradução, neste sentido, rompe com a ideologia da fidelidade, abalando o limite rígido entre original e cópia.

O enlace da tradução com a antropofagia se dá especificamente no nível da linguagem, quando o texto traduzido irá contaminar não apenas a escrita do outro, mas servirá de substrato para a metalinguagem do tradutor. Haroldo de Campos, ao traduzir parte do Fausto de Goethe, não só absorve, aglutina e devora o original como retira daí as metáforas de seu trabalho tradutor. A recriação da linguagem crítica decorre da prática e da imagem do ato de traduzir, verificando-se uma pequena distância entre a linguagem-objeto e a metalinguagem. Embora a teorização guarde certa distância de seu objeto, a metalinguagem (da mesma forma que a tradução) assume caráter "vampiresco", ao se nutrir do sangue da linguagem-objeto.

Transcrevo algumas das definições de Haroldo de Campos sobre sua operação tradutora. Inicialmente, o autor resume, no final do "Post-Scriptum", o que entende por tradução criativa de Goethe, a "transluciferação mefistofáustica":

"A tradução criativa, possuída de demonismo, não é piedosa nem memorial; ela intenta, no limite, a rasura da origem: a obliteração do original. A essa desmemória parricida chamarei transluciferação."<sup>6</sup>

Outras expressões são utilizadas, ao longo do ensaio, com o objetivo de exemplificar o caráter diabólico do trabalho tradutor: "tradução luciferiana"; "(a tradução) uma empresa satânica"; "tradução como transfusão. De sangue"; "Vampirização" (relativa ao nutrimento do tradutor).

O conceito de tradução em psicanálise e, mais exatamente, em Freud, permite também a aproximação entre crítica literária e tradução. Patrick Mahony, em artigo que trata do assunto<sup>7</sup>, ressalta a importância do conceito de tradução nos escritos de Freud e do desconhecimento, pelos teóricos da tradução, de uma possível contribuição às suas reflexões.

Para Freud, as neuroses e os sintomas são traduções do material inconsciente, operando-se a tradução da lembrança verbal em um signo corporal complexo equivalente; o sonho manifesto, ou pictural, é uma forma de tradução e de transformação intersemiótica (utilizando-se a terminologia de Jakobson) interiorizada do sonho latente, verbal, preliminar. O movimento do mate

rial no aparelho paíquico, enguanto tal, é concebido como uma tradução e as interpretações do analista são também traduções (cf. p. 32, artigo P. Mahony).

A contribuição de Freud é importante principalmente no que diz respeito à terceira categoria de Jakobson referente à tradução, a tradução intersemiótica, quando se constata que as diversas manifestações do material verbal são exteriorizadas e expressas fisicamente, havendo, desse modo, o deslizar de um sistema semiótico em outro. Segundo Freud, todo ato de comunicação (seja ele verbal ou não) já se apresenta como um compromisso, não constituindo pois uma pura expressão direta. A passagem de um sistema de signos a outro não se processa através de uma tradução termo-a-termo, sendo impossível a correspondência fiel entre original e cópia.

Quanto à crítica literária, esta realiza, com quase todo o texto investigado, uma leitura em que entram componentes extra-verbais que se entrecruzam com os verbais, sendo expressos por meio de outros códigos. A transformação de um texto em linguagem literária para uma linguagem pictural ou cinematográfica consiste no processo de tradução intersemiótica, onde se torna "manifesta" uma metáfora, pictural uma palavra. A crítica literária tem-se apropriado grandemente do arsenal teórico da psicanálise, e no que concerne a tradução, esta tem produzido, mesmo que indiretamente, grandes frutos, levando-se em consideração que ambas as disciplinas trabalham obsessivamente a linguagem, embora cada uma tenha um objeto específico de investigação.

Como reflexão final, gostaria apenas de mencionar a contribuição de Guimarães Rosa para a teoria da tradução, não apenas no que diz respeito ao tratamento dispensado à língua, como do caráter singular de sua literatura que se inscreve em um território de tradução. A referência a Guimarães Rosa não exclui outros escritores que compartilham dessa mesma preocupação: Borgea, um dos mais confessos "tradutores" da literatura universal; Becket e Ionesco, que ao escreverem em duas línguas, se traduzem, recriando duas versões de cada um de seus livros, além de Joyce e tantos outros.

O convívio estreito do escritor com vários idiomas contribui para que a "língua materna" deixe de representar um espaço unívoco e tranquilizador, para se movimentar num universo plurilingual. Reforçando o pensamento de Valéry, presente nestas

duas frases, "escrever é um trabalho de tradução" ou: "o leão é feito de carneiros digeridos", Guimarães Rosa escreve traduzindo, aglutinando sílabas de várias línguas e revelando sua inquietação e prazer em compartilhar de um território lingüístico habélico. Uma língua que não possui a tão desejada pureza original, porque pós-babélica e, por essa razão, só podendo ser concebida como tradução. Língua sem pátria nem bandeira não se prendendo, portanto, a um conceito de nacionalidade estreito e redutor. A universalidade literária começa a mostrar sua força justamente no momento em que se rompe com a estreita concepção de língua como símbolo do "ideal pátrio".

Finalizo meu texto com uma passagem da carta de Guimarães Rosa ao seu tradutor italiano, onde traduzir e escrever são dois verbos sinônimos.

"Eu, quando escrevo um livro, vou fazendo como se o estivesse 'traduzindo', de algum alto original, existente alhures, no mundo astral ou no 'plano das idéias', dos arquétipos, por exemplo. Nunca sei se estou acertando ou falhando, nessa 'tradução'. Assim, quando me 're'-traduzem para outro idioma, nunca sei, também, em casos de divergência, se não foi o Tradutor quem, de fato, acertou, restabelecendo a verdade do 'original ideal', que eu desvirtuara..."<sup>8</sup>

#### NOTAS

- <sup>1</sup> CAMPOS, Haroldo de. Post-Scriptum. Transluciferação mefistofáustica. In:—. Deus e o diabo no Fausto de Goethe. São Paulo, Perspectiva, 1981.
- <sup>2</sup> Idem. p. 191.
- <sup>3</sup> Quanto a essas reflexões, remeto o leitor para os estudos de Octavio Paz sobre tradução e literatura comparada, tais como: Traducción y literalidad, Signos em rotação, entre outros; e para os ensaios de Silvano Santiago, Uma literatura nos trópicos e, especificamente, Apesar de dependente, universal, em Vale quanto pesa.
- <sup>4</sup> CAMPOS, Augusto de. Verso, reverso, controverso. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- <sup>5</sup> Idem. p. 7.
- <sup>6</sup> CAMPOS, Haroldo de. Op. cit. p. 209.
- <sup>7</sup> MAHONY, Patrick. Vers une compréhension de la traduction en psychanalyse. In:—. "La décision de traduire: l'exemple Freud". L'écrit du temps. 7. Paris, Minuit, 1984. p. 41-42.
- <sup>8</sup> ROSA, J. Guimarães. Correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri. São Paulo, T.A. Queiroz, Editor, ICIB, 1981. p. 63-4.